

VOGUE

: SEMANARIO ILUSTRADO DA MULHER :

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS
DA ILUSTRAÇÃO
30, R. da Alegria, 30 — End. teleg. : LIBERTRAN — LISBOA

DIRECTORA : LAURA NOGUEIRA
SECRETÁRIO DE REDACÇÃO : CASTELO DE MORAIS

PROPRIEDADE E EDIÇÃO DE AILLAUD, LTD.^a
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — 25, Rua Anchieta
TELEF. C. 1084, C. 1606



O ÚLTIMO PENTEADO

(Foto Henri Manuel)

EM BIARRITZ



ECOS

PARA fechar a temporada, uma festa regional ou antes arraiana... Ressurgiram os trajes clássicos, esses trajes que o sul da França e a vizinha Espanha defendem, em toda a sua pureza de linhas, como sendo relíquias do antigo e que a moda não desdenha hoje trazer de novo à luz porque são belas e a beleza é eterna.

«DERNIER CRI»...

PERDOEM-ME o francesismo, mas tem de ser! Trata-se de modas e a moda em Portugal não é um grito, é um eco.

Sabem pois as leitoras qual é esse «dernier cri»?

Os sapatos de pele de serpente, os casacos da mesma pele e os chapéus, idem... Portanto uma pergunta: Já que as mulheres elegantes se vestem de serpentes e no caso de também existir moda para os frutos, não deverá ser a maçã o fruto em voga neste outono? Assim como quem diz uma reminiscência do Paraíso...

VOLTA a dizer-se que um dos azes do cinema, chegado ao triunfo máximo da popularidade, enjou a glória e que, para fugir a essa pobre glória de celuloide, resolveu entrar num convento de monges.

Depois de S. Frei Gil, que foi bruxo, e de S. Benedito, que foi cosinheiro, não admira que Ramon Novarro, que tantos personagens tem incarnado, entre, desta vez sem *travesti*, no caminho da glória verdadeira.

A palavra «eco» lembra sempre o grito, a voz forte, que o provocou, por isso é difícil escrever *ecos* numa terra pacata, onde a vida quotidiana (tão quotidiana, meu Deus!) nunca dá um berro de arte que se ouça longe... Enfim, tentaremos um dia escrever os *ecos* do silêncio...

ALGUNS autores ingleses resolveram só oferecer as suas obras àquelas jornais cujos críticos literários tivessem por hábito ler os volumes de que fazem apreciações.

AQUI PARA NÓS...

HORAS QUE PASSAM

MINHAS amigas, vocês já repararam que as horas têm uma fisionomia própria que as diferencia umas das outras, e que a todas empresta um carácter muito particular e muito seu? Horas tristes, horas alegres, diz toda a gente... Não é isso. Eu creio que não é. Somos nós que em determinado momento exigimos à hora que passa uma concordância fisionômica com o que nos vai na alma. Deve ser assim.

O cair da tarde traz melancolias, saudades de bens perdidos a quem teve bens e os perdeu, o cair da tarde, o mesmo cair da tarde, acorda nas almas jovens e descuidadas (eu lembro-me de o haver sentido), o desejo febril do dia seguinte, a raiva do amanhã que se demora.

E para tristes e alegres a luz é a mesma e a paisagem idêntica...

Periódicamente, as folhas tombam, e nós dizemos que morreram, e às vezes, morbidamente, queremos partir com elas... Perguntam a um espírito alegre, a uma alma feliz, se reparou na queda das folhas?

Não viu, não deu por isso, porque esse espírito sente alegre a hora presente e esta, inconsciente e material, só possui tristeza se lhe emprestarem.

Que bela tarde! Que tarde tão triste! E a tarde é a mesma... As pessoas que o disse-ram é que não são iguais...

Isto vem a propósito do quê?

De vos dizer um segredo de felicidade,

talvez o único que exista e seja, de facto, um remédio para todos os males.

Não pedir demais ao destino, eis o segredo da vida.

Assim tudo o que venha, bom ou mau, estará dentro do possível esperado e nem o mal nos pode ferir demasiado, nem o bem nos trará deslumbramentos.

Ser optimista é muito perigoso, ser pessimista é muito incómodo.

Esperar só o bem, cança.

Ver só o mal, desmoraliza.

Aguardar o que o destino nos trouxer, sem esperanças demasiadas nem desalentos preconcebidos, é, na vida, aquele meio termo prudente onde a tranquilidade habita.

Há sempre um bem maior que o nosso bem, portanto a felicidade não deve envai-decer-nos.

Há sempre um mal maior que o nosso mal, daí nunca devemos pensar que somos um cúmulo de infortúnio.

E eu, que vos queria felizes a todas, nada encontro de melhor para vos ensinar a sê-lo na medida escassa do possível.

Se nas vossas almas houver sempre um sorriso leve para a hora que passa, ela nunca será negra a ponto de vos escurecer a vida.

Horas alegres, horas tristes, horas cinzentas... Não! Almas alegres, almas tristes, almas indiferentes...

Assim é que está certo.

Até sábado.

FRANCISCA DE AYRE.

VOGA a partir do 5.º número e *sem aumento de preço*, insere uma grande folha solta de moldes, letras e bordados

VISITAS

HÁ terríveis massadas na vida das mulheres. Ser bonita é uma delas, mas tem compensações. Outra é receber visitas. Esta é muito pior.

A visita não indaga se gostamos de a receber, aparece porque a etiqueta assim o exige. Trava connosco uma batalha desigual. Vem preparada para os nossos olhares e traz os olhos abertos, desmedidamente abertos para observar e «kodakisar» os nossos descuidos. Ai de nós se não estavamos precavidos para o «venha quem vier».

Porque a visita vê tudo. Indaga com o bico do sapato da felpa do nosso tapete; subrepticiamente, com a mão descalça, apalpa a sêda dos nossos estôfos.

A pupila sagaz inquire do valôr da casa, da idade dos móveis, e do pó que está debaixo do pé da floreira da mesa do centro.

É um horror... um suplicio de que nos vingamos troçando a visita quando sai...

O que vale é que troçando as visitas estamos em boa companhia. Os humoristas de todos os tempos assim o fizeram.

Sobretudo os do século passado, que foi o século das visitas.

A proposito de humoristas e de visitas queremos dar às nossas leitoras uma cópia duma célebre gravura antiga que tem como legenda esta palavra terrível em todas as línguas: «Visitas».

JOÃO ZERO.



AS VISITAS — Gravura do tempo do Directório

EM CASCAIS



VIDA ELEGANTE

FINDOU a semana da Marinha. Foi alguma coisa, foi muito para a vida elegante portuguesa. Marcou pela concórdia, pela animação, pelas *toilettes*. Foi o fecho de ouro da temporada e uma esperança bem definida para as corridas da primavera mais perto, na *pelouse* do Jockey, no Campo Grande.

TERRÍVEL semana esta; semana das malas!

Das que se fecham, das que se abrem...

Além dos cuidados de volta, pouco mais Saudades às vezes, projectos sempre e eterno «não esqueça isto» a cortar todas as conversas, a verumtar todas as cabeças a substituir todas as idéas...

Martela-se pregos como quem fecha o esqueleto do verão que morreu.

Depois, volvidos os caixotes à casa por terna vem a febre de abrir, de pôr no seu lugar tudo aquilo que viajou, brilhou, desbotou por essas praias fóra, ao sol vivo de Agosto.

Portanto nesta semana, semana das malas, não há vida elegante; há tão sómente a vida caseira. É tempo de arrumar, de dispôr, de ver se não deu a traça no casaco de peles e se não amarelaram, como folhas mortas, as folhas «mauve» de certas cartas recebidas em Junho...

Junho! Meu Deus, quatro meses! Uma eternidade em cuja sombra há-de haver muita gente esquecida...

DUQUE DE LAFÕES

Em todas as paisagens da Terra há cruces de cemitérios.

O velho sangue português perdeu, com a morte de D. Caetano de Bragança, um dos seus mais altos representantes.

Fidalgo da mais lúida nobreza, por seus títulos duque de Lafões e marquês de Arronches Marialva, D. Caetano Segismundo de Bragança era, pelo seu feitio genuinamente português, feitio que o seu próprio trajar sublinhava um como traço de união entre o povo de onde nascem os heróis e os reis de onde nascem os príncipes.

O seu convívio deixava aquilatar o ouro sem liga da sua alta simples e a lhanesa fidalga do seu carácter.

A muito ilustre família Lafões o nosso pêsame.



Madame Schöner, a primeira mulher que em França toma lugar na tribuna do Senado

O FEMINISMO EM FRANÇA

QUANDO lemos nos jornais que em alguns países o feminismo triunfa, naturalmente impõe-se esta dúvida: O feminismo triunfa pela decisão dos homens ou pela tenacidade das mulheres?

É fora de dúvida que as mulheres triunfam em relação ao conceito que delas formam os homens, e ainda na proporção da sua cultura ou grau de civilização. Em França, a mulher acaba de alcançar um *fauteuil* no Senado. Ao mesmo tempo debate-se um interessante problema. A mulher deve fazer parte do juri criminal?

Coloquemos qualquer destas questões em Portugal. Imagine-se a luta, as revoluções para colocar determinado número de mulheres no Parlamento. Os portugueses, na escolha das candidatas, dividir-se-iam pela cor política das futuras deputadas ou senadoras, ou optariam, como elemento de eleição, pela cor dos olhos, do cabelo e da pele?

E o juri criminal? Aqui está um problema muito curioso, se nos lembrarmos que em Portugal, os homens, ainda mesmo muitos homens que se dizem cultos, supõem que as mulheres não têm critério, que são como porta cerrada a todas as manifestações de inteligência.

FESTAS REGIONAIS

Outono é a época das festas regionais. O culto da região, o amor da terra, como elemento estético, preocupa neste momento os países fortes ou em plena pujança de ressurgimento.

A Polónia, por exemplo, procura os estímulos constantes para activar o espírito da tradição, principalmente pelo Outono, a propósito das festas da vindima, lindíssimas festas regionais, onde o gosto estético da raça slava se contempla e revigora. Outros países, como por exemplo a Espanha, promovem essas festas no estrangeiro. A Espanha rica de cor e de movimento fez luzir, há poucos dias, os lindos trajes raianos numa festa em Biarritz.

E Portugal?

Dá vontade de perguntar que andamos a fazer que nos esquecemos tanto de nós.

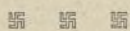
CONSELHO INTERNACIONAL DAS MULHERES

EM 1919, o «Conselho Internacional das Mulheres» tomou uma iniciativa que ficou memorável. Por intermédio duma delegação dos países aliados, foi dirigido ao presidente Wilson um pedido para que nos estatutos da

Sociedade das Nações ficasse incluída a seguinte clausula:

«Artigo 7.º — Todas as situações da Sociedade das Nações, e todas as secções que com elas se prendam, serão igualmente repartidas entre homens e mulheres».

Não se conseguiu a satisfação completa desta clausula, mas grande número de mulheres ocupou lugares importantes na Sociedade das Nações. Do Conselho Internacional das Mulheres fazem parte: Marquesa d'Aberdeen (inglesa) presidente; Miss Elsie Zimmermann, (romena) secretária; Alice Salomon (alemã); Miss Van Eecheen (holandesa); Madame Ogilvie Gordon (inglesa); Madame Chaponniere-Chaix (suíça); Mademoiselle Henri Forchhammer (dinamarquesa); Madame Avril de Sainte-Croix (francesa); Princesa Cantacuzene (romena); Madame Hélène Rominciano (romena); Madame Betty Kielsberg (norueguesa).



«ANDORINHAS DE INVERNO»

O termo não é nosso. É parisiense e foi criado para honra e glória dos vendedores de castanhas.

«Andorinhas de inverno». Nós também as temos, também nos visitam nos primeiros dias de Outubro. Veem antes das violetas, a par dos crisântemos e ao cair da tarde, cesto às costas, deambulam pelos bairros pobres ou assentam arraial na praça pública.

Quentes e boas! Estão a esquentar!

Horas depois, quando o sono já cerra as pálpebras de muitos prédios, émulas dos primeiros, surgem as vendedeiras de maçãs — rouxinóis de inverno arrastando o pregão melancólico:

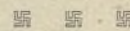
— Assadas no forno!

E lá vão duas a par, às vezes um casal, sopesando a giga pelas azas, rente do chão, a lanterna acesa no meio, dourando os frutos enfarinhados de assucar e fumegando tenuemente no ar húmido da noite.

— Quentes e boas!

— Assadas no forno!

Em Lisboa, em Paris e em toda a parte onde houver frutos e dente, porque o mundo é quasi igual de polo a polo...



CENTO E VINTE DIVÓRCIOS NUM MINUTO

INGLATERRA acaba de bater um singular *récord*. Até agora o número de divórcios realizados mais rapidamente era uma vitória dos americanos. Imagine-se que a medida do tempo era o minuto! Neste curto espaço de tempo, um juiz americano decidiu 50 anulações de casamento.

Os americanos que colecionam *récords* estavam satisfeitos com esta quantidade. (Na América é tudo por quantidades). Inglaterra não quiz ficar atrás.

Não podemos dizer se se trata de uma aposta ou de um campeonato. O certo é que um juiz em Londres conseguiu decidir cento e vinte divórcios num minuto.

Naturalmente os americanos, que resolvem todas as questões com o auxílio da mecânica, vão talvez bater este singular *récord* com uma máquina!



Uma festa regional espanhola em Biarritz

UM APARELHO PARA DESCOBRIR A MENTIRA

UM sábio americano anuncia ao mundo um novo invento: o retenoscópio. Segundo as suas afirmações, este aparelho destina-se a descobrir a mentira.

Já Oscar Wilde, numa página célebre, acentuava com uma tristeza que muito embelezava os seus paradoxos, a decadência da mentira.

Época terrível de positivismo.

Mas será então necessário que inventemos um aparelho para fabricar a doce ilusão que é a espuma da mentira. Resta-nos ainda uma esperança. O sábio americano ainda não declarou se o seu aparelho será aplicável às mulheres ou aos homens, ou pelo menos qual dos dois sexos estará condenado a maneja-lo.

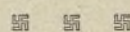
A não ser que o inventor de retenoscópio, sugestionado pelas páginas de Oscar Wilde, se proponha, com o seu aparelho, desenvolver, até ao mais subtil requinte, a essência da mentira, tornando-a tão leve, tão capitolosa que possa inutilizar a máquina.

Senhoras: O sábio americano lança um desafio à vossa invenção.

É preciso inutilizar a descoberta do sábio americano, porque é muito possível que ele próprio, na aridez dos seus estudos, fôsse levado a tão absurdas cogitações, por não ter encontrado na sua vida uma alma eleita... que lhe soubesse mentir.

Talvez que ele tenha, nos seus momentos de triste isolamento, atirado ao papel, nalguma carta íntima, aquele grito de angústia.

«Mulher, se tu me soubesses mentir, como terias conseguido sentir e compreender a parte mais bela, a mais verdadeira da minha alma...



UMA LIGA CONTRA A MORTE

EM virtude do ditado que reza que «a união faz a força», um certo número de pessoas alvitrou que, opondo à morte uma energia inabalável conseguiriam obrigar aquela à retirada. Esse grupo de pessoas plenas de fé e de confiança no poder da própria vontade são cidadãos do Estado de Iowa, na América do Norte.

Uma condição única é precisa para fazer parte da liga: cada sócio deve declarar por escrito que está continuamente pronto a afirmar e certificar que, se acaso se morre ou se envelhece, é simplesmente e apenas em consequência dum velho habito de pen-



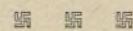
Andorinhas de inverno

samento devéras deplorável. É unicamente porque a Humanidade acredita na *necessidade* desses dois males que ela envelhece e morre. Basta negar os males para suprimi-los».

Existem na Liga contra a Morte várias multas. O sócio a quem se passou certidão de doença e que foi por esta obrigada a ficar três dias de cama, tem de pagar uma avultada multa. Ele pecou contra o princípio da Liga. O sócio que reincide perde por certo tempo os seus direitos. Isto não é talvez grande coisa... Enfim, ao terceiro delito, corresponde a expulsão definitiva da Sociedade. A bem dizer, a Liga contra a Morte — a liga do Estado de Iowa — procede do mesmo princípio que a *Christian Science*, — a qual, desde há alguns anos, vem dando que falar de si nos Estados Unidos, — e cujo principal ensino consiste na afirmação de que: *apenas adoece e morre quem quer*. É mais que provável, pois, que o êxito da Liga contra a Morte não será de natureza a angariar-lhe basto número de aderentes.

Sabem porquê, meus caros leitores?

É que afinal o habito de morrer está por demais inveterado na nossa carcassa de incorrigíveis humanos.



LÁGRIMAS

QUANDO, no doloroso tempo da Grande Guerra, o Congresso dos Estados Unidos da América do Norte votou a sua participação nessa guerra, houve uma mulher, — o único membro feminino do Congresso — que, ao dar o seu voto — aliás a favor da participação — chorou. Foi Misse Jenny Rankin.

Então vários jornais irónicamente mofaram daquela sensibilidade *feminina* e não faltou quem ásperamente a censurasse.

Um dos maiores jornais da capital americana, porém, foi mais justo, e falou com maior verdade, afirmando:

«Os antifeministas não foram os únicos a chamar com ironia a atenção do público sobre as lágrimas que o único membro feminino do Congresso dos Estados Unidos verteu ao dar o seu voto sobre a guerra. Aquelles que tentaram tirar da atitude de Miss Jenny Rankin um argumento contra a participação das mulheres à vida pública, bom será fazer observar que sessenta membros desse mesmo Congresso choraram ao dar o seu voto sobre essa questão, a mais grave que já mais lhe fôra submetida. Não há memória de, no Parlamento americano, se ter constatado emoção tamanha.»

Vêr no 5.º número da VOGA as toilettes de Lilly Damita, estrela portuguesa do cinema



COZINHA

ALMOÇO

Isclas de fígado de vaca
Batatas fritas
Ovos mexidos com salsa

JANTAR

Sopa de arroz em caldo de carneiro à inglesa
Carneiro cosido à inglesa
Esmagado de nabijas
Frituras de pescada panada
Salada de chicória

ALMOÇO

ISCAS DE FÍGADO DE VACA

Limpa-se o fígado, coloca-se, ao baixo, sobre uma tábua e divide-se em diversos bocados, conforme a superfície que se quer dar às isclas. Em seguida, colocando a palma da mão esquerda sobre cada bocado, cortam-se com faca bem afiada, lâminas tão delgadas quanto possível.

Cortadas as isclas, deitam-se num prato côvo, e temperam-se com sal, pimenta, alhos pisados ou cortados e vinagre, de modo que este cubra as isclas, e assim se conservam pelo espaço de duas horas pelo menos.

Separadamente, tem-se raspado a polpa do baço, que sempre se compra com o fígado e que é empregado para engrossar o molho.

Põe-se ao lume numa frigideira, banha de porco e, quando esta ferve, deitam-se-lhe as isclas, escurridas do molho, até estarem fritas. Depois disto, deita-se na frigideira o molho em que as isclas estiveram, no qual se mistura a polpa do baço, deixando estar ao lume o tempo suficiente para o molho engrossar. Servem-se depois com batatas fritas.

BATATAS FRITAS

O processo mais vulgar de frigar as batatas, consiste em cortá-las em rodas da grossura de cerca de dois a três milímetros e mergulhá-las, assim cortadas, em azeite ou banha de porco fervente, até que as rodas tomem uma cor loira.

OVOS MEXIDOS COM SALSA

Batem-se os ovos com sal fino, pimenta em pó e salsa finamente picada.

Em seguida, deitam-se na frigideira, que deve estar ao lume com manteiga derretida e mexem-se até estarem cosidos na manteiga, mas não completamente enxutos, deixando o enxugamento completo ao calor do fundo da frigideira.

Se a frigideira for de alumínio podem servir-se na própria vasilha em que foram cosidos.

JANTAR

SOPA DE ARROZ EM CALDO DE CARNEIRO À INGLESA

Depois de limpo o carneiro (perna) do bedum e das aponevroses, põe-se a cozer em água com sal, à qual se juntam cabeças de nabos, cenouras e um bocado de toucinho; depois de cosido o carneiro, separa-se o caldo, coando-o através dum passador.

Branqueia-se o arroz; depois de branqueado, cose-se no caldo, juntam-se-lhe as cebolas e os nabos picados, e, na ocasião de ir à mesa, desfazem-se em caldo não fervente duas gemas de ovos e, depois de bem desfeitas, juntam-se à canja.

CARNEIRO COSIDO À INGLESA

Preparado o carneiro e cosido como ficou acima indicado, cobre-se com um pouco de caldo, farinha, manteiga, algumas alcaparras de conserva e um pouco de vinagre dessa conserva.

Este cosido serve-se acompanhado com polme de batata, preparado com leite, manteiga, pimenta, etc., ou com pudim de batata.

ESPARREGADO DE NABIJAS

Escolhem-se as nabijas, para lhes tirar as folhas menos viçosas e põem-se ao lume numa panela com bastante água fervente temperada

DO LAR

AINDA um «arranjo» inglês que pode ser facilmente copiado dentro dos recursos fáceis do nosso mobiliário nacional.

Aparte o fogão (que pode substituir-se por um tremó com espelho) porque em Portugal ninguém ou quasi ninguém se aquece, tudo o que a nossa gravura representa existe profusamente nos bric-à-bracs nacionais.

Um leito de colunas, um toucador entre Luís XVI e Império, que poderá sem esforço encontrar-se, uma cómoda de bojo apenas

marcado, como há tantas à venda, meia dúzia de bibelots de bom gosto e está conseguido um quarto que é bastante acessível pelo custo e que nada tem da banalidade dos mobiliários feitos em série que eu tenho, tu tens, ele tem, e se tornam horribles à força de repetidos e de usados por toda a gente.

O friso da parede, junto ao tecto, é bem fácil de executar com uma estampilha feita pelo processo que indicamos no último número no artigo sobre bordado a pó de lã.



«Arranjo» de quarto da Casa Mapple

de sal, sem a tapar, para que as nabijas conservem a sua cor verde vivo.

Deve ter-se o cuidado de obrigar a mergulhar as folhas que sobrenadarem.

Quando as nabijas estão cosidas tiram-se do lume para um passador, escorrem-se, refrescam-se com água fria e espremem-se para lhes tirar a água da cosedura, põem-se em seguida sobre uma tábua de picar e picam-se miudamente.

Põe-se numa caçarola uma porção de bom azeite com alguns dentes de alhos esmagados e, quando está bem a ferver, fregem-se nele palitos de pão, que servem depois para ornamentar o prato.

Tirados os palitos fritos e os alhos, deitam-se na caçarola as nabijas picadas e passam-se muito bem no azeite, acrescentando este, se for necessário, com pingos de caldo gordo da panela da carne. Quando o esparregado está quasi pronto, polvilha-se com farinha de trigo, que se cose com as nabijas, dando mais ligação à massa e, no fim, tempera-se com sumo de limão e serve-se enfeitado com os palitos de pão frito e rodas de ovos cosidos.

FRITURAS DE PESCADA PANADA

Cortam-se em tiras atravessadas bocados de lombo de pescada, de modo que fiquem da grossura de um centímetro, proximoamente, e dei-

tam-se numa vasilha com sal fino, pimenta, sumo de limão e um pouco de azeite, permanecendo por duas horas neste molho. Depois, tiram-se, a uma e uma, envolvem-se em pão ralado, seguidamente em ovos tralidos e de novo em pão ralado, firtando-as depois em banha de porco.

PUDIM DA TIA MARTA

153 gramas de pão ralado, 3 ovos, 62 gramas de manteiga, 62 gramas de açúcar, 1 chávena de leite, 250 gramas de passas, noz moscada, 1 limão.

Modo: Deite-se o açúcar no pão ralado, e em seguida o leite a ferver; batem-se os ovos, deita-se um pouco de noz moscada, rala-se a casca do limão e aproveita-se o sumo; junta-se tudo isto com o mais e mistura-se tudo por 15 minutos. As passas devem ser abertas tira-se-lhes a fraínha, depois colocam-se na fôrma depois de bem untada com manteiga e deita-se em seguida o pudim. Deve cozer durante uma hora e quinze minutos.

Tomem-se as folhas de chicória bem tenras e bem viçosas e deitam-se numa saladeira com dentes de alho pisados e pequenas fatias de pão, que se colocam no fundo da saladeira com os dentes de alho.

Quando a salada está para servir-se, rega-se com um molho formado de muito bom azeite, vinagre branco e sal fino, ligado à parte.



BELEZA

AGUA DA JUVENTUDE

PARA FAZER DESAPARECER AS RUGAS

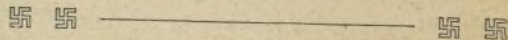
DISTILAR algumas pinhas verdes e embeber bem o rosto, à noite ao deitar, com a água por este meio obtida. Não enxugar.

CRÈME DAS FAVORITAS

PARTES iguais de claras de ovos e de sumo de limão. Misturar bem as duas coisas batendo-as com força durante algum tempo, com um garfo, em uma vasilha de esmalte. Colocar esta ao lume — lume brando — mexer bem com uma colher de pau nova, até que a mistura se torne tão grossa como o é normalmente a manteiga; tira-se então do lume e acrescenta-se-lhe um pouco de assência de rosa ou de bergamota.

Antes de pôr este crème no rosto, é bom lavar primeiramente este com um sabonete bom e em uma água fraca de arroz.

As senhoras que usarem este crème ficarão surpreendidas ao ver que conservam ou adquirem uma invulgar frescura perdurável até uma avançada idade.



GARCEZ, L. DA

Rua Garrett, 88 — LISBOA

Só vendem as grandes marcas

ZEISS Ikon

GEVAERT

e as celebres películas que dão boas fotografias com todo o tempo e com todos os aparelhos

Todos os acessórios para fotografias

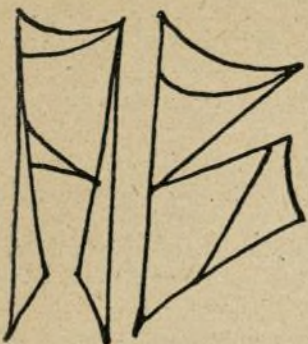
Trabalhos para amadores

Expedição gratis de revelação, cópias, etc. para todo o país

Aparelhos de T S F

TAPETES DE BEIRIS SÃO OS PREFERIDOS PELAS PESSOAS DE BOM GOSTO

DEPOSITO
RUA IVENS, 30

DOBRA DE LENÇOL A RICHELIEU
E PONTO DA ILHA

No enxoval duma noiva deve haver peças de luxo e outras, mas simples, para uso de todos os dias. Não obstante, cada peça dum enxoval deve ter certo cunho de elegância. Ora aqui está o desenho de uma dobra de lençol que, sendo singela de bordar, nem por isso deixa de ter beleza no seu conjunto.

Richelieu para as folhas, flores e contornos, ponto de cordão para os veios das folhas. As grinaldas são a ponto da ilha.

Damos o canto em tamanho natural. Para completar o desenho todo, basta decalcar as grinaldas, repetindo-as em toda a largura da dobra de lençol. O outro canto é igual a este. Muito simples, como estão vendo. O ponto de recorte da borda faz-se um tanto grosso: é moda agora e fica mais sólido.

O melhor pano para bordar esta dobra de lençol é o linho um bocadinho forte, de muito boa qualidade.

APLICAÇÃO PARA ROUPA BRANCA

Sempre úteis, as aplicações para roupa branca. Esta, toda em Richelieu, presta-se para camisas, cuecas, combinações, camisas

de noite. É muito simples mas muito moderna. Mais interessante ficará se lhe puzermos ao redor um ponto *à-jour*. Os *à-jour* dão sempre muita graça à roupa. Esta, modernamente, borda-se ou toda a branco, ou, sendo para todos os dias, com linha de cor pálida, por exemplo rosa desmaiado, azul celeste, ouro velho ou lilaz. O mouro também está muito em voga, é preciso, porém, escolher uma qualidade de linha para bordar que não desbote. Os algodões de bordar D. M. G. são de excelente qualidade.

Para terminar, e a pedido de duas assinantes, dois monogramas modernos para ponto real: um em estilo chinês (que está muito em moda para letras e monogramas), o outro levemente estilizado.

Publicamos sempre as letras em tamanho definitivo.

Para muito breve vos promete grandes novidades a vossa amiga

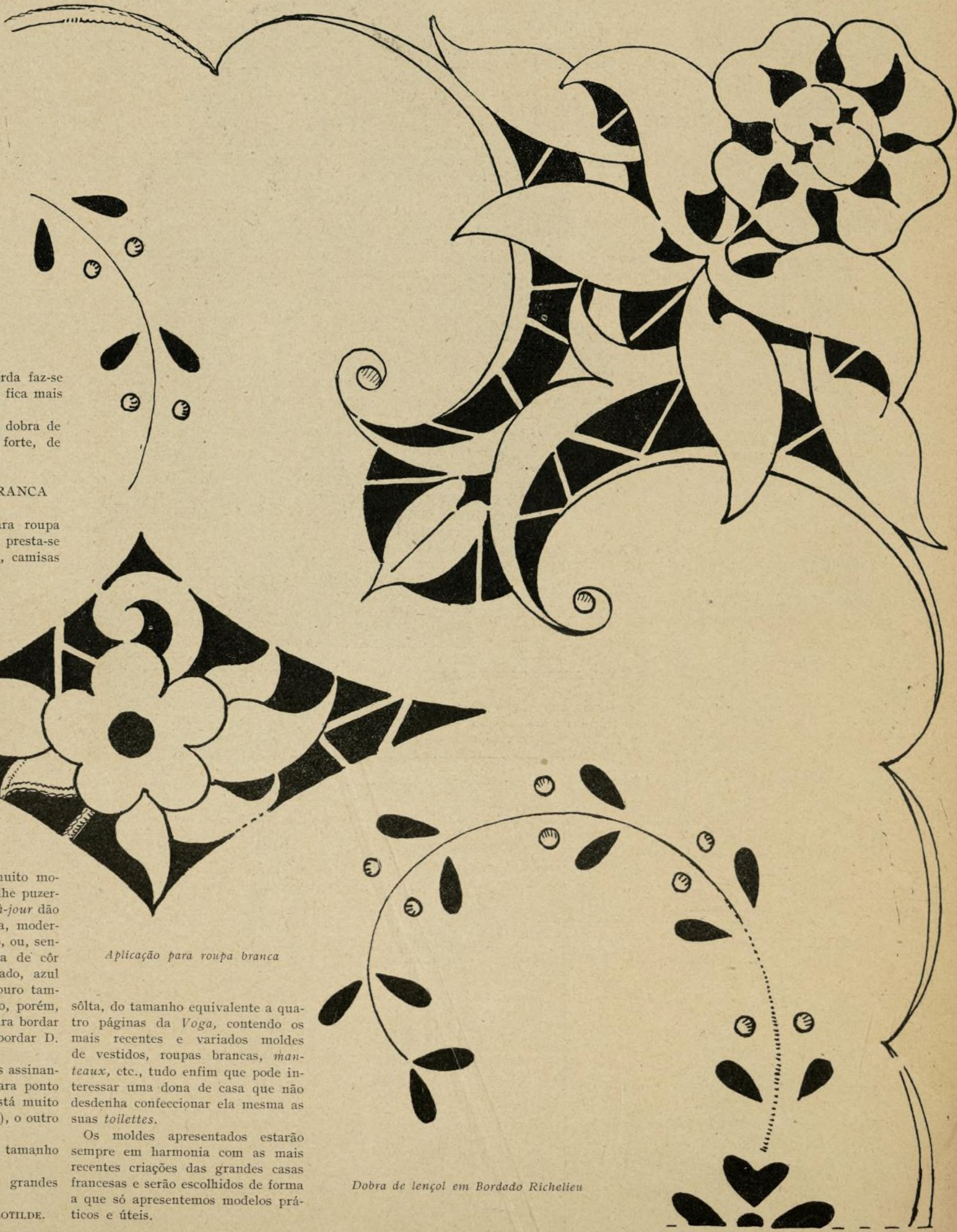
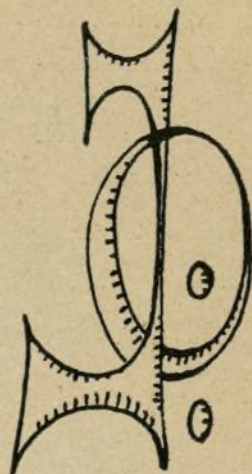
REINE CLOTILDE.

Os Nossos BORDADOS

AINDA UM MELHORAMENTO

UMA boa notícia. Sem aumento de preço *Voga* vai ficar completa. Em vez dos pequenos moldes intercalados no texto, que obrigam sempre a executante a um trabalho de ampliação, que não é fácil, vamos oferecer às nossas leitoras em todos os números da nossa revista, uma grande folha

Estamos certos que este melhoramento na nossa revista (e não será o último), deve agradar bastante àqueles milhares de leitoras com cuja preferência já contamos e que assim verão absolutamente cumpridos os seus desejos em relação a revistas femininas.



Aplicação para roupa branca

sôta, do tamanho equivalente a quatro páginas da *Voga*, contendo os mais recentes e variados moldes de vestidos, roupas brancas, *man-teaux*, etc., tudo enfim que pode interessar uma dona de casa que não desdenha confeccionar ela mesma as suas *toilettes*.

Os moldes apresentados estarão sempre em harmonia com as mais recentes criações das grandes casas francesas e serão escolhidos de forma a que só apresentemos modelos práticos e úteis.

Dobra de lençol em Bordado Richelieu



PANOS "STELLA"

RUA DO ALECRIM, 7
Esquina da Praça Duque da Terceira
TELEFONE 1277NO DEPOSITO DAS FABRICAS encontram-se linhos,
algodões, etc., a preços vantajosos por efectuarem as
VENDAS DIRECTAS AO PUBLICO

OS MOLDES DA "VOGA" OS MAIS LINDOS OLHOS INCONFIDÊNCIAS

UM VESTIDO PRÁTICO E ELEGANTE

DA SCENA PORTUGUESA

Conforme anunciámos e sabemos ser um dos grandes desejos das nossas gentis leitoras, encetamos hoje a nossa Secção de Moldes.

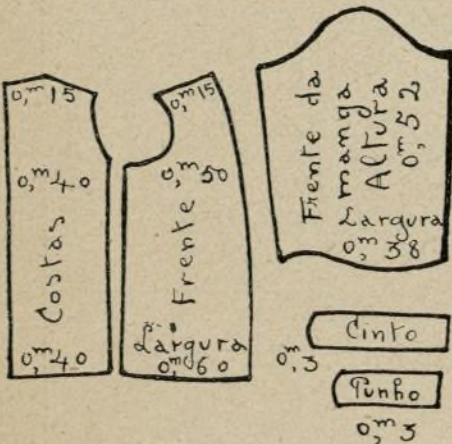
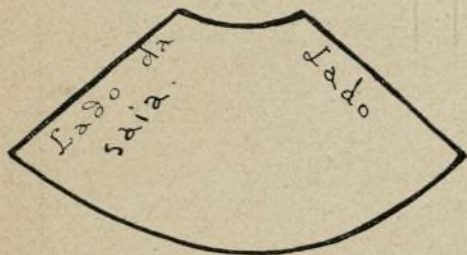
Dirigida por pessoa conhecedora do assunto, esta secção procurará sempre satisfazer, a par das exigências da Moda, o sentimento prático da mulher moderna.

Cada semana, madame Delorme terá o



prazer de escolher, entre os figurinos da VOGA — os quais são sempre os modelos mais chics das grandes casas parisienses, — um vestido, uma blusa ou um *manteau* cujo molde apresentará, com as medidas rigorosamente tiradas.

Começamos pois por um simples vestido composto de uma saia, de pano liso fininho, com 0,55 de altura; tendo de roda,



em baixo, 2 metros e 55 centímetros; e em cima 0,170, — e de uma blusa de «duretine» com botões do tom da saia na frente e mangas. Tem de altura 0,65.

Completa esta linda «toilette», um elegante «manteau» que daremos nos nosso próximo número.

— Suas filhas não gostam de ler?

— Quere que tomem gósto pela boa leitura?

— Dé-lhes o

MAGAZINE
BERTRAND

ESTE CONCURSO ENCERRA-SE NO PRÓXIMO NÚMERO

VOGA PUBLICARÁ UM COUPON QUE AS NOSSAS EX.^{mas} LEITORAS RECORTARÃO, INDICANDO O NOME DA ARTISTA QUE LHEZ MERECE A PREFERÊNCIA.

QUEM OS POSSUE?



VOGA ENTREVISTARÁ A VENCEDORA DO CONCURSO—A QUE MAIOR NÚMERO DE VOTOS OBTIVER — ACOMPANHANDO ESSAS IMPRESSÕES DE AMPLOS DADOS BIOGRÁFICOS E DE UMA DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA ESPECIAL.

Anda no ar uma iniciativa simpática. Não faltarão, contudo, os

O TEATRO, que antipatizam com ela e não hesitem em lhe declarar guerra aberta. Sucede sempre assim a todas as boas coisas, a tudo que é agradável, a tudo que é simpático. Mas vamos à iniciativa.

Apuraram alguns homens de teatro que há companhias que agonizam por força dos seus encargos. E deliberaram, senão acabar com eles, atenuá-los pelo menos. Esses homens bem intencionados — ensaiadores, artistas, scenógrafos, músicos, *costumiers*, autores, maquinistas, etc. — vão formar uma cooperativa, com uma legenda que é uma bandeira. Os fins da cooperativa, onde não há nomes em letra gorda... Fazer arte. Na peça de estreia — uma fantasia — colaboram todos. Cada qual contribui com uma ideia, com uma parcela igual de esforço para que tudo corra bem e se faça uma divisão equitativa de lucros. Que dirão as *côteries*, os monópólios?...
❧ ❧

A actriz Ester Leão sempre formará companhia? Porque teria sido recusada, há dois anos, a peça «A Grã-Duquesa e o Criado de Quarto» no Nacional? Quem vai desempenhar os galãs na companhia Alves da Cunha?

Porque não foi para as ilhas o actor Gil Ferreira?

Qual é a actriz que na companhia Palmira-Alexandre vai fazer a «Boa Rapariga»?

BINÓCULO

Não se pode negar que os espectáculos da *troupe* russa Korobok obtiveram, no Teatro São Luís, o êxito mais lisongeiro. O público aprecia imenso esses instantes de arte em que há um pouco de tudo. Pantomima, dança, canto, *sketches*, esboços que sugerem um mundo de coisas belas. Pois a Korobok vai voltar, após a sua *tournee* a Espanha. Estreia-se a 18 do corrente no Teatro Salão Foz. Montará alguns *divertissements* inteiramente desconhecidos, na curta série de récita para que foi contratada para a nossa elegante *boite*.
❧ ❧

Hortense Luz, espírito de garoto irrequeto sob uma *allure* elegante e muito feminina, norteia-se na vida de teatro pelo seu ideal. E de dia para dia, temos uma surpresa da simpaticíssima *vedeta*. Ontem, *tonadillera*, *coupletista*, *disceuse*... Amanhã, empresária... Sim, Hortense Luz acaba de tomar o Teatro Maria Vitória, de parceria com o escritor teatral Alberto Barbosa, para uma larga exploração. A estreia é ainda este mês.
❧ ❧

ECOS DISTANTES

MEDIDA SALUTAR, A QUE TOMARAM o presidente da Associação de Críticos e o da Associação dos Directores de Teatro de Paris:

Dóra ávante, a crítica dará toda a preferência à *première* que se tenha fixado previamente, em prejuízo das outras Companhias que insistam em estreiar novos trabalhos no mesmo dia. Como os críticos de um jornal não são muitos — dois no máximo — e como não tem o dom da ubiquidade, fica assim resolvido o assunto. Com o tempo, cada teatro terá o seu dia para *premières*. É uma questão de hábito... Quando se fará por cá a mesma coisa?

Provavelmente nunca. As ideias boas difficilmente se imitam.

Distinguem-se bem!

Uma mulher que lê Uma mulher que não lê o

MAGAZINE
BERTRAND

A MULHER ATRAVÉS DOS TEMPOS

CONCLUSÃO

VEJAMOS a situação da mulher na velha antiguidade, nas principais regiões da terra. E comecemos pelo Oriente, misteriosa fonte donde emanou a civilização europeia.

Vamos primeiro à Índia.

Aí surdem-nos as terríveis leis colecionadas no livro de Manú, as leis do primeiro homem, na pretenciosa frase bramânica. Terríveis são essas leis, principalmente para a mulher. Eterna criança, quer filha, quer irmã, seja casada, seja viúva, a mulher é sempre uma menor, jámais livre, sujeita sempre à tutela masculina. Dizer mulher é o mesmo que dizer incapacidade, fraqueza, leviandade. Menina, o pai tem sobre ela direitos absolutos: pode vendê-la como mercadoria. Casada, fica sempre sujeita à tutela do marido; tem de ser bela, elegante e dócil, mas é-lhe defeza a leitura ou a dança. Para o marido ela não é mais do que uma escrava a quem nem sequer é permitido pronunciar o nome do esposo, nem sentar-se à mesa, ao lado dele. Viúva, é condenada à fogueira, para ir fazer companhia ao marido além túmulo. Se alguma vez a mulher casada cai em adultério, o seu corpo é devorado pelos cães na praça pública. Casam-na antes dos dez anos; enche-se de filhos; e a sua beleza precoce murcha antes da maturidade. A poligamia, embora mitigada, é a regra antiga: cada bramane deve ter quatro mulheres compradas a dinheiro; uma delas, a que deu ao marido o primeiro filho, é a verdadeira esposa; as outras são sérvas.

Eis a condição da mulher na civilização ariana do Indústão. Ainda hoje ali, na prática, subsistem algumas dessas primitivas tradições: a cremação das viúvas não desapareceu de todo, diante da enérgica vigilância do inglês dominador.

Passemos à China antiga, que pouco difere da moderna. Aí a mulher não era mais feliz do que na Índia. Começou por sofrer a poliandria; depois a poligamia, sendo vendida pelos pais aos maridos. Nesta situação ficava exposta a humilhações, porque o esposo distinguia entre a mulher que lhe dava o primeiro filho, a qual era a verdadeira esposa, e as outras que eram simplesmente concubinas.

Estas tinham que obedecer àquela e os filhos delas ficavam na dependência da primeira. As leis sociais não permitiam aos maridos inverterem a situação das suas mulheres, elevando ao grau de esposa qualquer das suas concubinas, ou degradando aquela a

situação destas. Demais, o marido tinha o repugnante direito de alugar a outro homem o corpo de qualquer das suas mulheres.

A subordinação da chinesa ao homem durava toda a vida: solteira, dependia do pai; casada, do marido; viúva, do filho primogénito. Era uma eterna tutelada; nem sequer se lhe reconhecia o direito de herdar; era uma escrava que não podia sentar-se à mesa onde estivesse o marido ou qualquer filho varão; os alimentos a ela destinados eram inferiores aos da parte masculina da família; era ela quem em tudo os servia. A semelhança do que sucedia na Índia de Manu, a China anterior a Confúcio exigia também o suicídio das viúvas em honra dos defuntos maridos.

A chinesa das classes elevadas era mais infeliz que a das classes humildes: esta última instrua-se no contacto livre com os homens; aquela, no seu sequestro luxuoso, permanecia ignorante, sempre apartada da sociedade masculina e ainda por demais estropiavam-lhe os pés, para que não tivesse a liberdade de andar fora de casa. Preocupada apenas com o cuidado da conservação da sua beleza, essa elegante boneca mal sabia manter uma conversação interessante com o ma-



rido, e este, aborrecido do vácuo da vida conjugal, preferia passar o tempo fora do monótono lar doméstico.

Este triste quadro da condição social da mulher na China de outrora é quasi igual ao da chinesa de hoje, porque nesse povo singular a civilização tem permanecido quasi estacionária.

A mulher japonesa, nos tempos antigos, teve sorte igual à da sua congénere da China. As duas civilizações mal se distinguiram uma da outra. Se na China a vida familiar assentava exclusivamente na autoridade masculina, em que o pai era tudo e em que o culto dos antepassados só considerava a masculinidade avoenga, e em que a filiação também só na linha masculina se continuava, no Japão havia a seguinte diferença: como ao primeiro filho do matrimónio, quer fôsse varão, quer fêmea, pertencia o direito de herdar, a filiação, consequentemente, ora era paterna, ora materna. Incontestavelmente, portanto, a mulher japonesa tinha uma situação social algo superior à da mulher chinesa.

Mais bela, mais elegante do que a chinesa, a mulher no Japão gosava também de maior liberdade e por isso o seu espírito era mais culto. Em todo o caso, no Japão, existia diferença entre a mulher das classes elevadas e a do povo. A primeira tinha uma vida confinada e era por isso ignorante; a do povo

vivia em contacto com os homens e deles recebia maior soma de conhecimentos práticos. Já nesses tempos existia no Japão a classe das «gueichas», termo que significa «dançarinas». Essas mulheres, que ainda hoje constituem uma singularidade social do Japão, eram e são, talvez, ali as mais instruídas do seu sexo: tem escola de dança, de canto, de elegância de maneiras e de interessante conversação, dotes que as distinguem e as tornam sedutoras, sendo por consequência pelos homens muito apreciado o seu convívio, principalmente em salas públicas onde elas graciosamente servem o chá aos frequentadores. Curioso é também o modo de recrutar as «gueichas»: filhas de gente pobre, entram de pequenas na aprendizagem, acompanhando sempre as mais velhas, até que, aos doze anos, dá-se por completa a sua educação, passando à categoria de «gueichas» profissionais.

Havia também no antigo Japão o uso, que de todo ainda não desapareceu, de as famílias alugarem por contrato temporário as filhas núbéis, com todas as formalidades legais, recebendo por isso uma remuneração ajustada. Nesse uso se baseou Pierre Loti para architectar o seu célebre romance: «Madame Chrysanthème».

Hoje a mulher japonesa diverge muito da antiga, desde que o Japão com tanta intensidade e rapidez assimilou a civilização europeia.

Em quasi todo o Oriente asiático esteve em voga a cruel prática de sacrificar grande número de crianças do sexo feminino com o pretexto de diminuir o excesso de bocas famintas. Essas sociedades, dotadas de grande natalidade e carecidas de viveres em proporção adequada, resolviam o problema da alimentação, matando impiedosamente o que tinham por mais fraco — a mulher na tenra infância. O infanticídio feminino esteve em uso em toda a Ásia antiga; hoje ainda esse crime com frequência é praticado na China.

Entré os povos semitas, como são os árabes e os judeus, as próprias mulheres adultas eram imoladas sob esse pretexto: o sexo feminino, em consequência disso, ficava reduzido a um número tão escasso de representantes, que a poliandria se tornou em necessidade social. Cada mulher podia ter até dez maridos, simultaneamente, quasi sempre irmãos uns dos outros. O pai da noiva recebia de cada um deles uma paga, como se a filha fôra uma mercadoria. No caso de não haver pretendentes à mão da rapariga, o pai dava carta de alforria a um dos seus escravos, sob a condição de lhe desposar a filha, porque entre os semitas era vitupério ficar uma mulher por casar.

A Bíblia mostra-nos a severidade com que os hebreus puniam o adultério: a mulher adúltera morria publicamente lapidada, castigo de que às vezes também o amante era participante.

Se da Ásia passarmos à África conhecida desde a mais remota antiguidade, encontramos a velha civilização do Egito, país em que a mulher temporariamente gosou duma situação social mais vantajosa do que em nenhuma outra nação dessas priscas eras.

No Egito existiu o matriarcado e neste a mulher foi verdadeiramente o chefe da família. O direito de herança recaía nas filhas, sendo excluídos os varões. O próprio rei devia obediência à rainha. Todavia a mulher era inferior ao homem perante a religião, por lhe ser vedado o ingresso na casta sacerdotal.

Esta situação privilegiada parece ter tido pouca duração, em virtude das invasões de que o Egito foi presa por parte de povos doutras raças e costumes. A poligamia estabeleceu-se depois disso, mas nunca foi no Egito tão intensa como na Ásia.

Os outros povos que na antiguidade ocuparam a África setentrional deram também à mulher uma situação elevada, quasi igual à



de que ela gosou no Egito primitivo. Ainda hoje, entre as raças bérberes a mulher ocupa um grau superior ao do homem, porque tem independência, direito de propriedade, liberdade de escolher marido e os filhos usam o nome da mãe e devem-lhe obediência. A instrução não lhe é vedada e geralmente as mulheres são mais instruídas que os homens. A monogamia prevalece nos usos desse povo, cujas condições sociais parecem invariáveis desde a mais alta antiguidade.

Na Abissínia a situação da mulher foi e ainda é também privilegiada, norteador-se pelos mesmos princípios que acabamos de referir.

LUIZA DE ALMEIDA.

NÃO SABIAM?

NENHUMA de vós, gentis leitoras, adivinha donde provém a palavra *tafetá* — a bela qualidade de seda com que muitos dos vossos vestidos são feitos, — e bem feitos, não duvido? A moda hoje põe, entre outras tantas sedas, o *tafetá* em voga. Pois vou eu dizer-vos a origem do seu nome:

Quando, pelo donairoso movimento do passo duma mulher, esse tecido é agitado, faz ouvir um leve ruído de sedas roçadas que não é mal imitado pelas duas sílabas: *taf-taf*. Pois foram estas duas singelas sílabas de imitação que, no dizer de todos os etimologistas, serviram a formar o nome da seda em questão. Elas compuzeram a palavra francesa *tafetá*, — e daí a nossa *tafetá*.

Em um livro do século xv, cujo título é: *Os loucos deste mundo*, lê-se que as damas da época usavam cintos de tecidos de *taffe-taffe*.

B

BERTRAND-IRMÃOS, L^{DA}
FOTOGRAVADORES
TEL. T. 96
T. DA CONDESSA DO RIO 27
LISBOA

PRIMEIRA QUINZENA DE OUTONO



Chapéu em feltro e veludo negro
(Modelo Casa Marsoni)
(Foto Manuel Fribres)



Chapéu em feltro preto e pelúcia
de vison com
(Modelo ALBE)
(Foto Manuel Fribres)



Chapéu para a noite em veludo
azul lamê guarnecido de penas
(Modelo Casa Marsoni)
(Foto Manuel Fribres)



Chapéu em feltro
«brico»
(Criação GARY
MOSOT)
(Foto Manuel Fribres)



Chapéu de feltro preto guarnecido a fita «cyclamure»
(Criação GARY)
(Foto Manuel Fribres)

: Princípio de Estação :



TUTOS modelos e talvez pouca variedade na moda dos últimos dias. Justo é, porém, dizer-se que os chapéus que o outono nos impõe são lindos.

Vai desaparecendo o exagero das copas altas de mais e, por vezes, de mau gosto, para dar lugar aos novos modelos em que a largura da aba en-ombra artisticamente um rosto, cercand-o daquela penumbra misteriosa que sempre realça a beleza feminina. O feltro, o setim, a pelúcia continuam em voga, o que é natural, visto serem, na arte de vestir, gêneros clássicos de matéria prima. A pele de serpente também subiu dos sapatos aos

Vestido em moaré, «villie rose» e veludo verde.
(Modelo LANVIN)
(Foto Manuel Fribres)



Capa de «petit-gris» da Rainha de Inglaterra
(Foto Manuel Fribres)

casacos e destes aos chapéus. O nosso modelo da Casa Alpina é uma bela demonstração do que afirmamos. Em vestidos há criações muito belas. As nossas leitoras que não esqueçam o modelo Lanvin em «moaré» rosa velho e veludo verde de que damos a gravura. É realmente uma «trouvaille» que marcará nos salões elegantes. Para os abafos, casacos de inverno ou capas, «caracoules», o «petit-gris», o «drape beiges», que é o



Casaco em caracoule guarnecido de raposa gris (visto de frente)
(Criação VERGNE)
(Foto Manuel Fribres)



Vestido de esôfres, partindo em lamê de prata coberto de tule preto e cores de prata e cores
(Modelo BOUÉ, SAURIN)
(Foto Henri Mauwé)



Casaco em caracoule guarnecido de raposa gris (visto de lado)
(Criação VERGNE)
(Foto Manuel Fribres)



Vestido de passeio
(Modelo COTY)
(Foto Henri Mauwé)

tom preferido, continuam a merecer as honras da «saia». Uma das nossas gravuras mostra um lindo modelo da capa em «petit gris», confeccionado para a soberana da Inglaterra. É um abafado de rã, incontestavelmente. Nas «toilettes» de noite os tecidos «lamés» continuam a usar-se realçados como no modelo Boué, Saurin, que apresentamos, pelas coberturas de tule bordado a prata e matiz em cores modernas.



Vestido em crêpe de Chine imprimé branco e vermelho
(Criação LANVIN)
(Foto Manuel Fribres)

Depois de todas estas riquezas chamamos, ou antes, pedimos um olhar das nossas leitoras para o modelo de vestido de passeio da Casa Coty, que pela sobriedade das suas linhas, deve alar no âmbito de todas as pessoas de gosto requintado. Isto para não ter que me alongar mais falando ainda dum modelo Lanvin, em «rêpe» da China, branco e vermelho papoula, que podia sem recuo de exagero, ser apontado como uma das mais belas criações da moda neste lindo outono que principia.

MARIA LÚCIA.

HA, definitivamente, uma acentuada tendência da Moda para uma mudança nas linhas de certos pormenores da «toilette». As mangas, por exemplo, vão-se volvendo estreitas. Alguns vestidos e casacos, porém, fazem excepção, ampliando a sua roda de forma imprevista: ou pela aplicação de peles, ou, desenvolvendo-se em um geito artístico, completadas por um moderno bordado a perolas finas.

Por esta página podem as nossas leitoras apreciar os variadíssimos feitios de mangas que a Moda está lançando.

Wornaser, Molyneux, Marguerite et Léonie, Patou, são os autores que os assinam.

Alguns remates muito graciosos de vestidos, o jersey sempre em moda, talvez por ser tão prático; um punhado de luvas moderníssimas, da casa Alexandrine, e os novos modelos de meias, eis o bastante para dar uma ideia das características da Moda nos pequenos pormenores.

Começemos pela esquerda: uma gola e punhos bordada de sequins de ouro sobre fundo escuro. Manga bordada em estilo moderno. Interessante remate fechando nas costas por uma pequenina fivela de prata. «Smoking» negro realçado por um coletinho de setim graná.

LUVAS — MEIAS — MANGAS

QUAIS AS CARACTERISTICAS DA MODA NOS SEUS PORMENORES?

Passêmos agora ao meio da nossa página. Temos ao alto, um «complet» de jersey (colete crème, casaco às riscas).

Seguem-se-lhe três tipos de meias modernas; e logo abaixo vemos três modelos de mangas, o primeiro (à esquerda), em veludo escuro bordado a pérolas; o segundo em dois tecidos de tons diferentes; o terceiro guarnecido a pele.

E agora, as luvas: Começando pela esquerda, temos a luva de suêde rosado, bordado a sêdas e rematado de finíssimas pérolas. Os outros modelos são ou bordados ou em dois tons de suêde.

Mais umas mangas;

mais uns remates de corpos, elegantíssimos. Eis com que satisfazer a «coquetterie» das nossas mais exigentes leitoras, não lhes parece?

Como sabemos que estas páginas interessam sempre ao público feminino, que é o público da *Voga*, desde já fazemos às nossas leitoras uma promessa solene: dar-mos muitas páginas de «Frivolidades». Chamamos-lhe assim porque o uso consagrou o termo. Não temos dúvida em que foi um homem que o inventou mas... uma vez que está lançado, paciência, servimo-nos dele fingindo não lhe compreender o alcance.

Estas páginas nos nossos números futuros, a partir do quinto, substituirão a de bordados, visto essa ser englobada na nossa folha quádrupla de moldes que, como noutro lugar dizemos, será publicada em separata e sem aumento de preço.

Não é demais frisarmos, mais uma vez, que êsse melhoramento representa um esforço a que o público não está habituado mas que, estamos seguros, saberá compreender. Nessa grande folha de moldes virão também debuxos de letras, bordados, encaixes para roupa branca, tudo enfim que tenha cabimento numa folha do género desta.

Todos os desenhos de bordados que temos publicado e que publicaremos são absolutamente desenhados para *Voga* e nunca decalcados sobre outros publicados em revistas estrangeiras.

Já no quinto número da *Voga* as nossas leitoras podem ajuizar «de visu» do que vale praticamente o melhoramento introduzido na nossa revista e que para todos constituirá um verdadeiro brinde.

A confecção desta folha de moldes foi entregue a pessoa habilitadíssima, uma verdadeira artista nêse género de trabalhos. Ficamos, portanto, certos de que *Voga* marcará o seu triunfo completo com a aparição do quinto número.



O HOMEM QUE ASSASSINOU

Claude Farrère

TRAD. DO DR. ALBERTINO DA SILVA

(Continuação)

PARA mais, a dita rua está situada mesmo no centro de Pêra. E eu ainda tenho nos ouvidos o veredito do marechal Mehmed Paxá, no seu cavalo a campear sobre a ponte de Karakeny: «Pêra, Galata, Tatavla, o Taxim — tudo imundície!» Pêra, Galata, Tatavla, o Taxim — de certo não são bonitos bairros!... Ainda os não conheço bem, porque Constantinopla é um mundo. Mas, *grosso modo*, este mundo está dividido pelo Corno de Ouro em dois continentes, mais diversos um do outro que a Europa da América. De um lado, a cidade árca, que Loti cantou: Stambul; do outro, os burgos levantinos parasitas: Galata, Pêra, Tatavla e os outros. Ora todos estes burgos são desagradáveis. Gregos, armênios ou smopolitas, em todo o caso, cristãos, similizam assaz bem o cristianismo piohoso Oriente. As ruas perotas, por onde, com vontade ou sem ela, tenho de andar todos os dias, regorgitam com uma multidão antipática a mais não poder ser, e que em nada se assemelha à deslumbrante onda humana que multua sobre a bela ponte do Corno de Ouro. A Rua Grande de Pêra, evidentemente, é horrífica e pretenciosa caricatura dos seus boulevares menos parisienses, tem o ar de se exasperar. Tudo nela macacifica o Ocidente: as ruas com tranvias, os edifícios de cinco andares, as lojas com taboas em inglês, os cavalheiros de chapéu de to, as damas vestidas à provinciana. Esta arquitetura levantina não é artística; e receio muito que ela esconda um interior ainda menos elegante, outras macaqueações ocidentais, mais vis: snobismos, escândalos, baixas hipocrisias, pequenas cobardias, adultérios e interesses inconfessáveis.

Tem razão o meu marechal turco. Em Constantinopla, só há Stambul. Do limiar da grande ponte, contemplo todas as noites a bela Turquia de minaretes, que tão nitidamente se recorta sobre o vermelho acerejado do poente. Mas ainda não tive tempo de lá ir, porque as seis embaixadas estacionam, e já estarão ainda, mais dois meses, em Teia ou em Buynkederé, no Alto Bósforo, cinco léguas daqui. E eu, recémchegado a esta galera, tenho de lá ir todas as tardes para cerimôniosamente todo o corpo diplomático, do primeiro ao último secretário, e para olhar cartões em casa das pessoas chamadas «da sociedade», — da sociedade constantinopolitana, — cujo principal característico é uma nacionalidade quase sempre enigmática.

Então, felizmente, da rua de Brussel a Terápia, o caminho não é feio. Faz-se a primeira metade por terra e a segunda por mar. É preciso começar por descer a rua de Brussel até ao fundo, depois voltar à esquerda por uma praça viela, tortuosa, de que não sei o nome. Um pouco adiante, passa-se por um grupo de soldados, e a seguir, costeia-se um pequeno cemitério. Daí em diante, o bairro é inteiramente turco: só casas de madeira de cinco andares, com muitas janelas veladas por cortinas brancas bem opacas. Um canto de Stambul perdido na margem perota. Não se assemelha em nada à caricatura de cidade europeia que desfeia as imediações. Nem janelas à moda de Londres, nem madamas à moda de Paris — a moda do penúltimo ano. Grandes otomanos de aspecto grave, e mulheres veladas que passam apressadamente. E de todos os lados, o silêncio.

Na minha viela turca volta para um lado, para outro, bifurca-se, esbraceja em todos os. Em certa encruzilhada, indicada por uma fonte, é certo eu perder-me; mas ao chegar de meia légua, acabo sempre por descer

de escantilhão determinada rampa quase a pique, que vai dar à principal rua de Galata. Galata é o arrabalde marítimo de Constantinopla, — o porto, o arsenal, os cais; — arrabalde tumultuoso, muito porco, e de má fama; mas quanto preferível, para meu gosto, ao snobismo pretencioso de Pêra! E na extremidade de Galata encontro-me na praça de Karakeny e ao pé da grande ponte de madeira, donde partem os barcos.

Ser-me-ia três vezes mais curto, e não sei quantas vezes mais simples, subir a rua de Brussel em vez de a descer, e continuar pela Rua Grande de Pêra até ao funicular, que num minuto me poria onde eu quero ir. Mas percorrer a Rua Grande de Pêra, isso não!

Na ponte, começa a segunda parte do caminho. Embarca num grande vapor de rodas, abundantemente empenhado de fumo muito negro. Nunca vi outro que assim borrasse o céu de tinta tão persistente... Seis horas à turca, — meio-dia e cinquenta: a desamarrar, pontual como uma partida de comboio. Apito, cascadas de água partida pelas pás das rodas, clamores políglicos de todos os lados e confusão de caíques e barcos dinat da roda da proa que se põe em movimento: este Corno de Ouro está sempre de tal maneira pejado de embarcações, que não se sabe como estes cascos se não esmagam uns contra os outros. O vapor de rodas, — *chirket hairié*, assim chamado do nome da sua companhia, — não roça, todavia, por uma única, e não gasta cinco minutos em safar-se daquela balbúrdia: parece obra de varinha mágica. E o panorama desenrola-se: à esquerda, Pêra, muito formosa quando se vê de longe; à direita, Stambul, esplêndida; em frente, Scútari de Ásia, verdadeiro bosque de plátanos, figueiras e acácias, com muitas casinhas róxas, que se agacham sob as ramagens. O *chirket hairié* contorna Pêra — e eis o Bósforo.

O Bósforo, não é verdade? todos sabem o que é: água de lápis-lazúli, palácios de mármore, firmamento de safira, e sultanas, semelhantes a pérolas, debruçadas sobre o abismo, onde cedo ou tarde as lançarão. Sim? Pois não é nada disso. A água não é de lápis-lazúli e o céu não é de safira. O cinzento e o louro dominam por toda a parte, com uma espécie de vapor côm de malva, que flutua em volta das coisas e atenua as tintas. Há palácios de mármore, mas pouquíssimos: oito ou dez, espalhados pelas duas margens, cada uma de bons vinte quilómetros.

O Bósforo é muito mais comprido que se imagina. É um belo rio, sinuoso, que corre entre outeiros plantados de magníficos bosques, que o apertam com aprumadas paredes. Na base desses outeiros muitas aldeias se perfilam ao longo das margens, em alas contínuas de casinhas turcas, meio terrestres, meio aquáticas, porque muitos terraços de madeira assentam sobre estacas. Aqui e ali, um cais de velhas pedras já gastas; uma grande «vila», um *yali* de pedras côm de rosa ou de madeira antiga, arroxeadas; uma mesquita branca de formosa cúpula, com seu minarete que parece um cário; e às vezes um cemitério turco que desce em degraus, até à corrente, um cemitério plantado de altos ciprestes e de salgueiros transparentes, onde formigam as pequenas estrelas muçulmanas azuis ou verdes, historiadadas de epitáfios de ouro. Exala-se de tudo isto um encanto suave e arroubante, um encanto de harmonia, de proporção e de paz. Os outeiros arredondados, as casas largas e baixas, as árvores com a verdura sóbria da Europa, a bruma diáfana espalhada sobre

esta natureza, como sobre uma ameixa a sua penugem, e o sol que doura e que não cega, tudo concorre para um conjunto delicioso e temperado que se não impõe violentamente, mas que se insinua, penetra fundo e domina.

O que é de lamentar é que os Europeus começassem a construir nas margens do Bósforo. Como

umas trinta fachadas horríveis, mais altas que o outeiro que elas ocultam, e alterando Stambul, o Bósforo tem a sua Pêra: nadamente semelhantes a grupos escolares ou a armações de pastelaria: hotéis e palácios — não, *palaces*. Quem me dera pernoitar naquelas casernas, depois de uma batalha, com os meus húsards! No dia seguinte repúnhamos tudo no seu lugar: bastavam uns poucos de feixes de lenha e petróleo!

Sete horas e trinta à turca, duas horas e um quarto à francesa. À esquerda, a grande aldeia de Yenikeuy; à direita a pequena cidade de Beicos. Atrás, sobre um cabo da Ásia, Canlidja, o mais interessante lugar do Bósforo; em frente, na costa da Europa, Terápia e Buynkederé, os lugares «select» escolhidos pelas seis embaixadas para estâncias de verão. Não é feio, isto; há árvores soberbas. O *chirket hairié* aproxima-se de um admirável *yali* vermelho, de um tom de sangue seco, e que se encosta a um parque em anfiteatro plantado de tilias, de faias, de castanheiros e de cedros, os mais belos que tenho imaginado: o palácio de França. É aí que eu vou, primeiro.

Pé em terra. Lacaio e *cavas*. Os *cavas* são criados ajuramentados, que teem o direito de andar armados, direito de que eles abusam). Toda esta criadagem se precipita:

— Senhor marquês...

Zut! Seriedade!

A noite, mudança de cenário. Encerrada a tarefa diplomática e mundana, o *chirket hairié* leva-me, por um Bósforo crepuscular inefavelmente suave e recolhido, para Stambul, cujo perfil denticulado forma ao poente vermelho uma franja de muitas lançasinhas azuladas os minaretes das quinhentas mesquitas. Tanto a margem europeia como na da Ásia, começam as casas de madeira a iluminar-se, janela a janela. Vamos entre duas iluminações; não iluminações modernas e brutais, de electricidade ou de acetilene; mas de velas de sêbo, como nos bons tempos de outrora, iluminações de Watteau, semelhantes a filas de estrelas... As rodas do *chirket* ferem, a grandes golpes, a água tranqüila. E além, no horizonte, Stambul aproxima-se: as lançasinhas azuladas crescem-se e precisam-se.

(Continúa).

PARA DESENVOLVER OS SEIOS

pequenos use o FILOCOL n.º 1. Para o endurecimento dos SEIOS moles e caídos, use o FILOCOL n.º 2. Para os SEIOS duros e bem proporcionados, a fim de evitar a sua flacidez, mantendo-os sempre firmes e esféricos, use também o FILOCOL n.º 2. Assim nunca terá o desgosto de ver o seu peito caído e com uma feia aparência. Cada número 25.000 esc. Pelo correio, oculto, 26.000.

OS SEIOS GRANDES

ficam menos volumosos usando FILOCOL n.º 3. Preço 40.000 esc. pelo correio, oculto, 42.000 esc. Experimente se quer possuir um PEITO BELO E ATRAENTE. O FILOCOL não prejudicando absolutamente nada o organismo, tem feito a felicidade de muitas meninas e senhoras.

LABORATÓRIO ORCEL — Rua Barata Salgueiro, 31, 3.º — Lisboa

CRÈME IMPÉRIA D'ORCEL

PARA FIXAR O PÓ D'ARROZ

Não intoxica a pele, nem a faz lúrida e untuosa

SUPERIOR AOS MELHORES

PREÇO: 10.000 ESCUDOS

Remete-se pelo correio a quem enviar 11.000 escudos em carta registrada a

LABORATÓRIO ORCEL

Rua Barata Salgueiro, 31, 3.º — LISBOA

A RAPOSA BRANCA

DE AUGUSTO CARLOS BARREIROS

(Ex-socio da Pelaria Confiança)

Casa especializada em peles para abafos. Variado sortimento em malinhas de fantasia para senhora. Curte, tinge, limpa e transforma peles e malas.

1-C, Avenida Almirante Reis, 1-D LISBOA — (Ao Intendente)

INGLEZ

Os livros *A Primer of English Speech* e *The English Student* pelo Tenente-coronel VELHO DE PALMA são os melhores e mais baratos para o estudo desta lingua.

Pedidos a AILLAUD, L.ª 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

SALÃO MODERNO

CABELEIREIRO DE SENHORAS

Rua do Carmo, 90, r/c.

O mais bem montado salão da Capital, com artistas devidamente habilitados

ESPECIALIDADE EM APLICAÇÕES E PINTURA

Rua do Carmo, 90, r/c.

LISBOA

Telefone: Norte 2731

"VOGA"

oferece ocupação, que poderá ser rendosa, a senhoras que possam dispor de algum tempo. Dirigirem-se à sua Directora. Rua Anchieta, 52

COURS SUPÉRIEUR

TELEPHONE: C. 2008

Largo Rafael Bordalo Pinheiro, 26, 2.º

EXTERNATO E SEMI-INTERNATO

Frequentado por meninas da melhor sociedade

Instrução franceza completa — Curso dos liceus, inglês, musica, etc.

Pedir referencias e informações

CABELEIREIRO DE SENHORAS

CORTES de cab. lo pelos ultimos figurinos a senhoras e crianças.

ONDULAÇÃO MARCEL, Decolorações, PINTURAS em todos os generos, por pessoal habilitado sob a direcção de ALEXANDRE PERES-TRELO, no

Salão Elegante das Avenidas — Telefone Norte 5689 40-A, Avenida da República, 40-C

A LÓGICA NO AMOR

DIÁLOGO INÉDITO DE EDUARDO FRIAS

PERSONAGENS: Dois enamorados surpreendidos pela noite. Cada um deles está envolvido numa mancha de sombra. Uma nesga de luar separa-os com um rio. Silêncio. Os olhos para não falarem, deixam pender as pálpebras. A acção passa-se em todas as épocas.

Ele — O amor não tem lógica...
Ela — O amor dos homens ou das mulheres?...
Ele — Procura saber a quem atribuir responsabilidade?
Ela — Talvez.
Ele — Nesse caso... deixe-me dizer o que penso...
Ela — O que pensa é o que sente?...
Ele — Na nossa lógica de homens, é assim.
Ela — Pelo menos consigo.
Ela — Naturalmente.
Ela — Faço justiça à sua lealdade. De modo que vai responder, pois não é verdade? Até por uma questão de lógica. Em seu entender é responsável pela falta de lógica no amor...
Ela — A mulher.
Ela — Sabe que o admiro pela espontaneidade das suas decisões? Fala com uma segurança. Quere-me parecer que a lógica dos homens não passa de uma das muitas máscaras do orgulho. Talvez a mais natural. Mas... eu estou a interrompê-lo, e palavra... desejo ouvi-lo sobre a lógica dos homens, e forte como é, nos seus conceitos, talvez revele um pouco o que pensa ou sente da lógica das mulheres.
Ela — Até lhe poderia fazer um gráfico.
Ela — É próprio de um espírito positivo.
Ela — A lógica dos homens, figura-se facilmente com um traço. Uma linha recta. Para a nossa lógica de homens, tudo quanto se afasta deste traço, contribui para o desenho exacto do diagrama da incoerência.
Ela — E as mulheres? Como figura, num gráfico, a lógica das mulheres?
Ele — Muitos traços.
Ela — Muitos? E todos eles figuram a ló-

gica? Mas é muito divertido. E a disposição dos traços? Também é capaz de desenhar?
Ela — Sem uma hesitação. Todos os traços partem dum único ponto, como infinitas varretas dum leque. Cada linha nada significa. Como nós, homens, concebemos tudo por rectas, essas linhas são nada mais nada menos do que o diagrama dos nossos erros, ou dos vossos triunfos.
Ela — Então onde está a lógica?
Ela — A lógica das mulheres é um ponto, um único ponto, difícil de descobrir porque é muito variável.
Ela — Nesse caso, não é um ponto, é um alvo.
Ela — Exacto. Um alvo que cada mulher coloca onde muito bem lhe parece.
Ela — É muito interessante a sua exposição, na teoria.
Ela — E na prática também.
Ela — De onde lhe vem essa segurança nas afirmações onde tantos espíritos hesitam? Experiência?
Ela — Fé!
Ela — Só?
Ela — Apenas.
Ela — Ora suponha que seis homens, procuram fazer amar-se de uma mulher. Aquêles que mais direitos teria, valha a verdade, seria aquele que acertasse em descobrir o tal ponto de onde converge a lógica. Que divertido!... Figuremos seis atiradores. Aquêles que mais amasse, naturalmente seria aquêles que mais esforços empregaria em acertar.
Ela — De maneira nenhuma.
Ela — Fala por si?
Ela — Não sei falar doutra forma.
Ela — Então desistia...
Ela — Apenas, de atirar...
Ela — Mas assim nunca acertaria com o alvo.
Ela — De alguma maneira havia de acertar.
Ela — E se houvesse melhor atirador.
Ela — É quasi sempre o que acontece. Isso não significa para mim que seja esse o que mais amava. Quando se ama não se pensa em mais nada além da mulher amada. Não há

certeza, não há firmeza, somos crianças que nascemos de novo para um mundo novo.

Ela — Fala por si?

Ela — Como sempre.

Ela — Vejo-o menos decisivo, menos firme do que no princípio desta pequena... troca de palavras Pelo que me disse, se amasse, não se arriscava a atirar ao alvo. Dava o lugar a outro...

Ela — Com mais habilidade e menos amor... É possível. Mas apesar disso, nunca venceriam...

Ela — Porque não queria atirar?

Ela — Quando se ama, verdadeiramente, estamos trémulos, somos desastrados, se não temos quem nos compreenda assim mesmo...

Ela — Então como esperava vencer?

Ela — Quem ama, espera sempre um milagre.

Ela — E faz uma ideia, como se daria esse milagre?

Ela — É o maior sonho de toda a minha vida. Tenho vivido dele e para ele.

Ela — Conte-me esse milagre. Deve ser lindo.

Ela — A sua beleza não é minha. É de quem o inspira. Os homens não acertam nunca com a lógica das mulheres. Serão muito felizes quando atingem a lógica de uma só mulher, porque nós só advinhámos o espírito daquela que se desvenda para nós.

Ela — E o milagre?

Ela — O milagre é simples. Suponho advinhá-lo. Quando todos os atiradores, depois de acertar no alvo, reclamassem a recompensa, a Eleita, ante o pasmo de todos, menos um, diria: Os senhores desconhecem as mulheres em absoluto. Se assim não fôsse, não se sujeitavam ao ridículo dum torneio, diante deste homem, que acertava mil vezes no alvo aos olhos fechados. E ela consagraria com o seu amor aquele que, por muito a ter amado, a soube esperar, confiou no seu amor e no milagre que envolve tudo que resplandece do fundo do coração...

Ela — Chegue-se mais para aqui. Daí onde está, não o ouço bem. Diga lá outra vez...

Adquirem-se noções de todas as coisas lendo o

MAGAZINE BERTRAND

VERSOS

FLOR DE BRUMA

A luz vacila dolorosamente e o sol, rubi de sangue a naufragar, morre, na doce contrição pungente, de pétala caída na corrente ou andorinha farta de voar...

Ri. Perfuma-te de ambar e geranio e deixa a tua dor viver comigo. Quero senti-la, presa ao meu cráneo, como um diamante num punhal antigo.

E quero em tuas mãos, ó pálida beleza, Martírios de ametista e sonhos de turquesa. Ficam bem ao teu ar de pérola doente os rubis a sangrar e os cheiros do Oriente. Perfuma-te e caminha. Envolta em seda clara

quero vêr do teu corpo a «silhouette» rara, numa luz do poente esfumada e tranqüila, lembrando a aparição duma antiga Sibila. Mas vai... Caminha sempre, e não voltes o rosto

Ungida de penumbra, ébria de sol posto vai para além do Sonho e para além da Vida. Quero ficar a vêr-te intangível, perdida, entre a névoa da terra e a neblina do mar como um beijo d'amor que não cheguei a dar.

CASTELLO DE MORAES.

"VOGA"

PREÇOS DE ASSINATURA

	3 mezes	6 mezes	1 ano
Continente, Ilhas e Espanha	17\$00	32\$00	62\$00
Exemplares registados....	22\$20	42\$40	82\$80
Africa Ocidental e Oriental	35\$00	68\$00	
Exemplares registados....	45\$40	88\$80	
India, Macau e Timor.....	36\$00	70\$00	
Exemplares registados....	46\$40	90\$80	
Brasil	36\$00	70\$00	
Exemplares registados....	56\$80	111\$60	
Estrangeiro	40\$00	78\$00	
Exemplares registados....	60\$80	119\$60	

NUMERO AVULSO Esc..... 1\$50

Dirigir pedidos ás Livrarias Aillaud e Bertrand, R. Garrett, 73-75.

CASACOS E CAPAS



Casaco em «taupes»
Casa VERGNE
(Foto Manuel Frères)



Capa de peles
Casa VERGNE
(Foto Manuel Frères)



Capa em lynx
Casa VERGNE
(Foto Manuel Frères)



Lontra e Ragondin
Casa VERGNE
(Foto Manuel Frères)

G R A F O L O G I A

A fachada do templo de Apolo, em Delphos, na antiga Phocia, via-se gravada uma máxima célebre de Sócrates e que ainda hoje é o princípio mais salutar para a paz da humanidade: — *Gnôthi se auton!* — Conhece-te a ti próprio!

Mais tarde, os romanos sempre prontos a adoptarem as leis morais dos outros povos, traduziram essa mesma frase no célebre princípio conhecido por todos — *Nosce te ipsum!* — Conhece-te a ti próprio!

Mas... ninguém se conhece.

Quantas vezes proferimos estas palavras num desabafo explicativo de uma surpresa dolorosa, no desapontamento cruel de uma ingratidão inesperada?!

Existe, porém, um meio bastante fácil para, com a maior rapidez, segurança e discreção se obter um conhecimento perfeito de todas as boas ou más qualidades que constituem a nossa própria personalidade ou a de qualquer outra pessoa cujo carácter nos interessa conhecer.

Esse processo é o exame grafopsicológico da letra.

Com efeito, a «Grafologia» é hoje um dos ramos mais adoptado na «Psico-Análise» e por seu intermédio, graças ao seu estudo, é sempre possível reproduzir uma fotografia moral de qualquer pessoa, até mesmo com os mais profundos detalhes e pormenores que a primeira vista parecerão simplesmente ousados e duvidosos.

Todavia, não há ninguém que não pratique mais ou menos a «Grafologia», ainda que inconscientemente.

Sem contudo saber explicar a razão porquê, toda a gente se julga habilitada a reconhecer com um simples olhar, a letra de qualquer pessoa das suas relações sem todavia necessitar focar a sua imaginação sobre os traços fisionómicos característicos dessa pessoa.

Ao receber-se uma carta de alguém que já previamente nos tenha escrito, não é necessário abrir o envelope e verificar a assinatura para logo se saber quem nos escreve.

— É de Fulana, conheço-lhe a letra!

Que existe, pois, de especial e misterioso nos traços gravados por cada pessoa para que assim, ao olhar a sua letra, nos seja dado saber imediatamente e sem a menor dúvida, quem nos escreve, tal qual tivéssemos reconhecido o seu rosto ou a sua voz?

A resposta a esta pergunta sómente nos é dada pela Grafologia. É que essa letra é simplesmente uma fisionomia especial dessa pessoa que nos escreve e que poderá até, tal qual sucede com os traços do rosto, impressionar o nosso espírito favorável ou desagradavelmente.

Essa letra, como qualquer manifestação psicológica humana, poderá assim excitar a nossa simpatia, a nossa indiferença ou até uma antipatia inconsciente que sómente alguém conhecedor dos mistérios da «Grafologia» poderá explicar com a maior facilidade.

Essa memória inconsciente que todas as pessoas guardam involuntariamente acerca da letra de qualquer ser humano, constitue uma das demonstrações mais evidentes da verdade da «Grafologia» e só este facto bastava para provar que o estudo grafológico da letra de um indivíduo qualquer é sempre uma necessidade social, exactamente porque uma letra não pode nunca mascarar-se ou apresentar as expressões de falsa alegria ou tristeza cínica simulada por alguns rostos humanos.

Se alguma das conclusões obtidas com a análise dos documentos enviados não corresponder à expectativa das nossas clientes, aceitaremos sempre de bom grado qualquer crítica, apontando-nos os desacordos mais evidentes segundo o critério das pessoas interessadas.

Igualmente chamamos a atenção para o facto de que todas as respostas serão publicadas nesta secção com a possível brevidade sob o pseudónimo indicado.

Não serão, por isso, dadas respostas pelo correio e a indicação do endereço e verdadeiro nome da cliente sómente é necessário no caso de se precisar devolver qualquer documento enviado para análise, para o que, deverão juntar um envelope devidamente estampilhado e endereçado.

Cada consulta deverá ser acompanhada da quantia de Esc. 1\$00 — um escudo — e a indicação do pseudónimo que deverá ser adoptado para a resposta.

N.º 4 — *Resignada* — Coimbra. — Carácter inflexível e pessimista sempre pronto a esperar o pior numa falta de fé e de alegria que só por si constitui uma terrível doença moral.

Porque não ergue os seus olhos aos céus, antes para regosijar-se de toda a beleza perturbadora do Universo do que para implorar misericórdia num gesto de desânimo que não tem explicação?

Talvez porque um dia alguém não correspondeu conforme esperava a toda a sua dedicação e sinceridade, julgou-se desde então teoricamente falecida e por isso sente-se feliz em alimentar com prazer amargo, uma dor que já há muito deveria estar extinta.

Lembre-se, pois, que após a fúria dos vendavais que durante um Inverno tempestuoso parece ter aniquilado a Natureza inteira, surge sempre a Primavera doce e serena para mais uma vez as flores brotarem nas campinas ainda há pouco arrazadas pela violência da enxurrada...

N.º 5 — *Maria* — Faro. — O seu grafismo define um carácter muitíssimo franco e sincero.

Com efeito, — «a limpidez do regato depende da pureza da fonte que o origina» — e por isso Maria é uma pessoa que com a maior facilidade

consegue captar todas as simpatias e até talvez mais do que isso.

O seu único defeito, consiste, porém, num certo exagêro de atitudes e de gestos que, a algumas das suas rivais poderá parecer vaidade e orgulho.

Aconselho-a, por isso, a uma maior naturalidade de expressão e aparência.

Não receie que a sua beleza perigues com um gesto menos estudado ou mais naturalmente lançado, porque — triste é dizê-lo — o maior defeito em algumas meridionais, é exactamente a afectação exterior que em nada concorre para salientar a sua beleza.

N.º 6 — *Vitória* — Porto. — Verifico que o seu temperamento extraordinariamente exaltado prejudica em extremo, tanto mais que os seus traços indicam-me que procura obter os meios necessários à sua existência com o auxílio do seu trabalho.

Determinados ângulos do seu grafismo, mostram-me que é dactilógrafa e que talvez por isso o seu espírito habituado à rapidez intensa de uma profissão fatigante, vibra demasiado velloz num nervosismo nocivo à sua saúde já fraca.

Tente, pois, reprimir essa precipitação inexplicável e verá como a vida parecer-lhe-há mais bela e serena.

Os seus defeitos não tem importância.



VISADO PELA COMISSÃO
DE CENSURA

CURIOSIDADE

O CARACTER VISTO ATRAVEZ DAS FEIÇÕES

A boca é, de todas as feições, aquela que talvez mais claramente defina os sentimentos por cada um de nós ressentidos, ainda quando nos esforcemos por os dissimular.

Involuntariamente, a boca toma aspecto desdenhoso, irónico, tremante, ingénuo, etc. Na fisionomia, ela possui importância capital.

Ora, para um bom observador, a forma e dimensão dos lábios tornam-se características, a saber:

— Se acaso são mólles, significam indecisão; se, pelo contrário, se apresentam firmes e acentuados, serão sinal de energia.

— Quando alguém possua lábios delgados e tenha por hábito cerrá-los, é quasi certo ser esse alguém poupado até à avareza e dotado de mau carácter.

— Lábios grossos são sinal de bondade.

— Se, além de ter grossos os lábios, a boca for larga, muito rasgada e contornada, há razão de sobra para diagnosticar gula e sensualidade.

— A mesma boca larga, com os lábios finos, delgados, indicará tendências para a calúnia e para a maledicência.

— Quem tiver por costume entreabrir os lábios é geralmente bom, afável, generoso; mas talvez essa boca, tão pronta sempre a abrir-se, nos prometa igualmente vocação para uma leve tagarelice, não vo-lo parece, caras leitoras?

— As pessoas habituadas à reflexão costumam cerrar a boca no esforço cerebral dispendido para concentrar o pensamento. Sucede até tanto cerrarem os lábios que estes se desfeiam no demasiado adelgaçarem-se. Constatando o facto, não aconselho, contudo, a quem me lê, que deixe de ser reflectido... De modo algum!

— Se acaso o lábio superior avança sobrepondo-se levemente em alpendre ao lábio inferior, isto indica bondade; em certos casos, até fraqueza de carácter.

Em resumo: quando quizerdes formular a respeito de alguém, que virdes pela vez primeira, uma opinião acerca do seu carácter, observai-lhe a boca: ela vo-lo revelará, quasi sempre.

ÚLTIMOS MODELOS



Casaco em bretz wantz
Casa VERGNE

(Foto Manuel Frères)



Casaco, chapéu e sapatos em pele
de serpente

Casa ALPINA

(Foto Manuel Frères)



Casaco em vison

Casa VERGNE

(Foto Manuel Frères)



Casaco em lontra

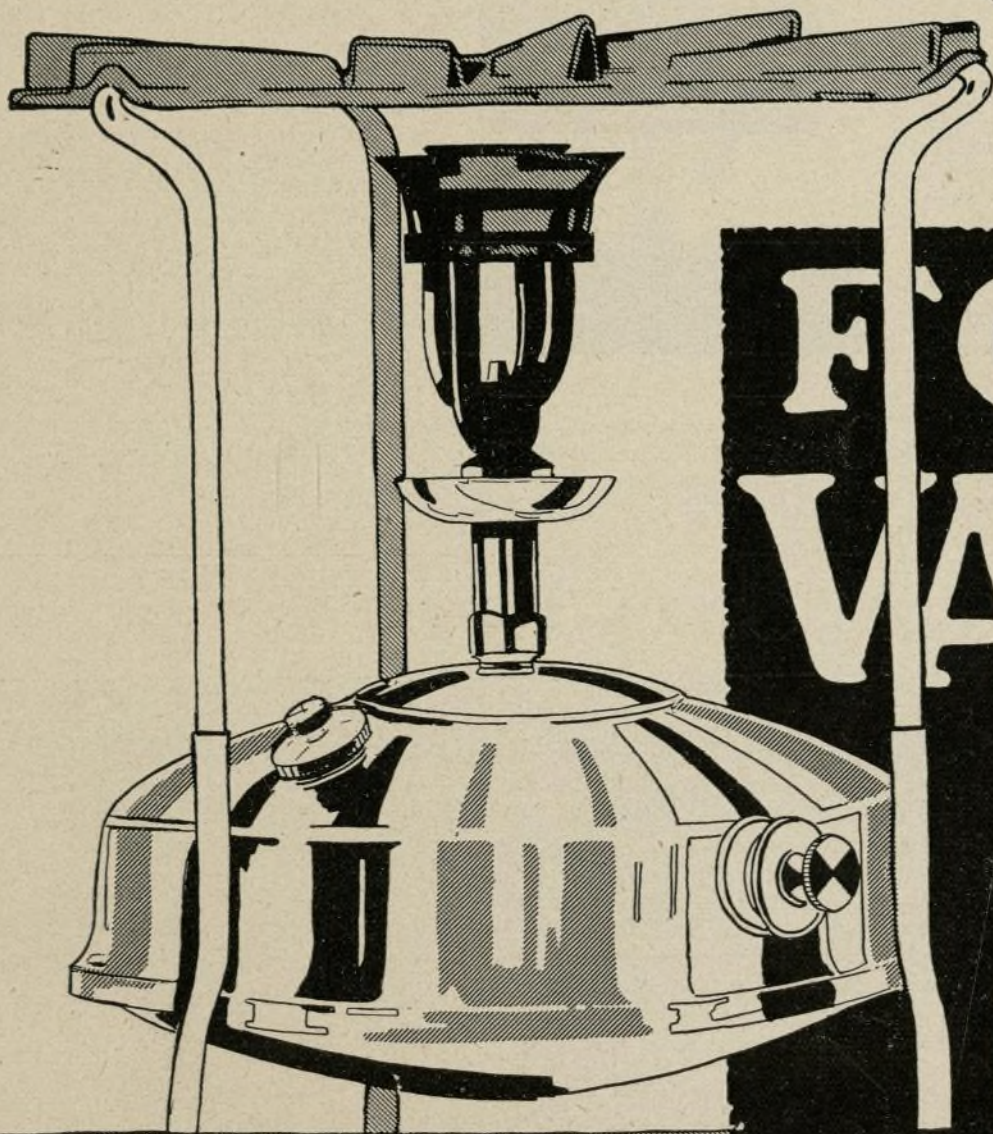
Casa VERGNE

(Foto Manuel Frères)

À VENDA

NO ROCIO, 67

Telefone: NORTE 3075



**FOGÕES
VACUUM**

Nºs 15 e 17

Completamente desmontáveis

**rapidez
economia
limpeza!**

Vacuum Oil Company

A EDUCAÇÃO FÍSICA DA MULHER

O SPORT FEMININO ENTRE NÓS



À fora, cuida-se muito a sério da educação física da mulher. As piscinas de nataçao abundam, as salas de armas são freqüentadíssimas por senhoras. O sport é utilizado pelas mulheres, como um elemento de es-tética feminina. Na Alemanha, na América e países escandinavos, o sport é para as mulheres um hábito, tão natural, como o ma-quillage.

O exercício físico é, por assim dizer, uma defeza. Começa por ser um estímulo para a alegria, e uma escola, alegre, de disciplina e de ritmo.

Pode-se conceber elegância sem a qualidade de movimentos? Pode-se compreender beleza sem frescura?

E que melhor tónico, que melhor, estimulante para uma perpétua juventude do que uma vida que participa do ar livre, da confiança em nós próprias que dá a precisão e o ritmo de movimentos?

Na Alemanha, a educação física da mulher, inicia-se na escola. Os colégios possuem gymnásios, jardins para exercícios ao ar livre, que são magníficas escolas de atitude e de graciosidade.

Porque é necessário que se diga que o

A semana sportiva, foi especialmente caracterizada pela maior concorrência de senhoras. A propaganda do desportismo vai ganhando terreno e congestionando adeptos no elemento feminino. Em toda a linha de Cascais, desde a doca de Alcântara até ao Estoril e Cascais, é já animador o número de senhoras treinando-se na nataçao, preparando-se para grandes empreendimentos sportivos.

Muito animados os desafios de Law-tennis. O nosso fotógrafo alcançou fixar dois magníficos instantâneos de sport feminino. D. Maria Amália Pinto Bastos, primeiro e segundo prémio de amazonas em Espanha, ajudando a montada para um lindo salto, e Jane Lance Infante de La Cerda, apontando a pistola na carreira de tiro em Pedrouços.

Mas enquanto algumas senhoras praticam o sport, a grande maioria o que faz? Ora aqui está uma pergunta terrivelmente indiscreta. Já pensaram que as férias para uma senhora são a maneira mais bonita de atentar contra a sua estética? Querem ver como? O veraneio é esplêndido para a saúde, mas quando não é acompanhado com o exercício físico, a gracilidade do talhe dá lugar à terrível ameaça da obesidade. Em geral, as férias são aproveitadas para um repouso mal orientado.



D. Jane Lance Infante de La Cerda, no concurso de tiro em Pedrouços

UM CONCURSO HÍPICO PARA CRIANÇAS

MULHERES DESPORTISTAS

Em Portugal temos tudo menos vontade. Quasi sempre quando tomamos alguma iniciativa, concebemos um magnífico plano para o qual nos falta o material de acção. Assim passamos o tempo a planear o que não é muito provável que realizemos, e deixamos de executar lindos projectos que seriam apenas o embelezamento ou a combinação feliz de muitas coisas belas que possuímos.

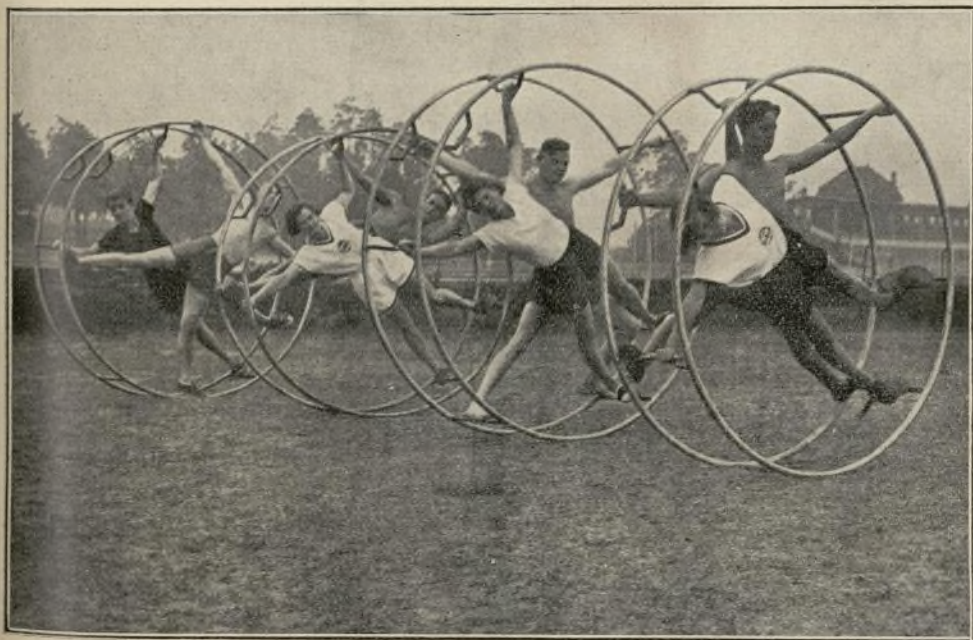
Um concurso hipico para crianças. Eis aqui uma linda ideia que era muito natural que ocorresse a um temperamento português. Porque não? Portugal é um país de cavaleiros. A esgrima, a equitaçao e os «sports» nauticos, são mais, talvez, do que «sports», manifestações da elegância e da destreza da nossa raça. Imagine-se um concurso em que só entrassem, montados em soberbos cavalos, pequenos concorrentes, jockeys e amazonas de 8 a 14 anos?... Pensamos um pouco na vivacidade graciosa da criança portuguesa, e figuremos o encanto de uma prova hipica infantil.

Os ingleses compreenderam muito bem e sentiram a beleza enternecedora desta ideia e puzeram-na em prática, há poucos dias, em Weybridge, próximo de Londres. A simples aparição dos concorrentes, de 8 a 14 anos, com as suas montadas, foi um verdadeiro sucesso.

Em Portugal, muitas crianças praticam a equitaçao. Porque não tentar um concurso deste género entre os nossos pequenos jockeys e amazonas?



D. Maria Amália Pinto Basto — Ajudando a montada...



Exercícios ao ar livre nos jardins-escolas, na Alemanha

sport para mulheres não é, como infelizmente muitas senhoras podem supor, um exercício para criar músculos com todas as deformidades de atletas de feira. O preconceito entre as mulheres, de que o sport não é necessário, ou lhes deve ser indiferente, é formado pela errada noção de que o sport é uma escola de atletismo, o que seria uma enormidade. Começa precisamente porque o sport é, nunca é demais dizê-lo, uma ciência de aformoseamento, um precioso elemento de formação plástica. Quantas senhoras não esboçariam um sorriso, se lhe perguntassem:

—V. Ex.ª sabe como se respira?

O simples acto fundamental da vida que é a respiração, é ignorado totalmente por muitas mulheres. De tal modo este é evidente que a gymnástica, primeira manifestação da educação física, está dividida numa classificação que vale a pena atender. A gymnástica é a preparação de todos os sports.

Convém dizer de início que há para o estudo que nos interessa, duas modalidades de exercícios gymnásticos: a gymnástica respiratória e a gymnástica rítmica. Esta classificação indica-nos claramente o valor da gymnástica, como ciência de respiração e escola de atitudes.

Não é conveniente defender estas breves noções?

UM NOVO SPORT

A América anuncia a aparição dum novo sport, composto de dois sports conhecidos. O «basket-ball» sobre patins.

É divertido este novo sport que naturalmente é praticado com fato de banho.

Os banhos de sol, as manhãs longas, sem cuidados, os *dolce-farniente*, são um perigo. Pensando nisto, a propaganda do sport, como elemento de beleza e de higiene, está feita por sua natureza, com esta razão de-pêso: a vossa gordura, que vos torna muito mais pesadas e mais feias.

BASKET-BALL

À fora está sendo muito praticado por senhoras o «basket-ball». Este lindo sport deve conquistar as preferências femininas. Não é um jogo violento e tem uma grande importância no desenvolvimento da mulher. A harmonia das linhas é a característica fundamental do «basket-ball».

No próximo dia 6 começarão os campeonatos em Paris.

LISBOA GYMNASIO CLUB

No próximo dia 5 de Novembro o Lisboa Gymnasio Club festeja o seu 9.º aniversário. A direcção prepara grandes festejos, que marcarão notavelmente no nosso meio sportivo. É conveniente que as senhoras se interessem pelo que se passa no Lisboa Gymnasio Club. No próximo ano lectivo funcionarão as seguintes classes, que muito interessam ao mundo feminino:

Gymnástica médica sueca e rítmica, para senhoras e crianças, gymnástica médica sueca aplicada e artística, para adultos, sports atléticos, ciclismo, esgrima de florete, espada, sabre e pau, tiro, luta greco-romana, «jiu-jutzu», «box», «foot-ball», «hockey», nataçao, «water-polo», patinagem, pesos e alteres, dança artística e de sala, equitaçao e «basket-ball», os quais serão dirigidos por elementos de comprovada competência.

A IDADE PARA «SPORT»

UMA nadadora alemã foi há pouco tempo entrevistada por uma grande revista de «sport». Entre as perguntas formuladas, o jornalista acentuava esta:

—Em que idade começa e deve acabar o «sport»?

A nadadora respondeu:

—Para o «sport» como para a moda não há idades... especial e unicamente... para as mulheres!...

E o jornalista, filosoficamente, reproduziu as afirmações, publicando a idade da nadadora em grandes caracteres e no fim do artigo... um anúncio de Água de Juventude.

Malícia!...



bem curiosa de homem do Norte, duma energia de traços bem curiosa, olhar brilhante e expressivo em que faísca o talento.

Max Réé tem sido o modisto afamado de Lya de Putti (em «The Sorrows of Satan»), de Greta Garbo (em «The Temptress»), de Joan Crawford, Sally O'Neill, Gilda Gray, Virginia Valli, Mãe Murray (em «Viuva Alegre», por exemplo), Glória Swanson, Olive Borden e Colleen Moore. Actualmente, pelos seus contratos exclusivos só deverá desenhar os modelos extravagantes de Laura La Plante,

Dolores Costello, Clara Bow e Vera Reynolds, isto é, as mais prodigiosas esperanças da cinegrafia americana.

Parecerá estranho que, falando de moda, falemos quasi exclusivamente de americanas e dum dinamarquês. Não significa isto que não reconheçamos ainda Paris como o centro máximo da moda e da elegância, e a provido é que, o próprio Max Réé, de que acabamos de fazer o elogio, foi, durante algum tempo, modelista de algumas casas importantes da capital do Mundo da Arte, funções que lhe serviram para especializar as suas faculdades notabilíssimas de desenhador e decorador moderno.

Nos filmes franceses também o requinte e elegância é grande. Huguette Dufflos, cujo divórcio falámos no número passado, que, de ora ávante, será apenas Huguette, tem justa fama de apresentar as mais belas e elegantes *toilettes* que os modistos de Paris criam para ela só. Espaventosa, um pouco exuberante talvez, se quiserem, mas incontestavelmente um belo manequim, a linda Huguette assombrou-nos mais com «Koenigsmark», «Palaces», etc., pelas suas *toilettes* do que pelo seu talento de comediante. Também Lucienne Legrand, intérprete delicada de «Simone», «Pneumatiques», «Mon curé chez les riches», etc., tem jús a ser considerada uma elegantíssima mulher. Outras ainda, Arlette Marchal, Dolli Davis, a formosa Claude France, e a mais bela de todas, Jacqueline Fozzane, contribuem para afirmar a supremacia das actrizes francesas de cinema, no campo da elegância. Mas... O seu a... suas donas!...



MODAS E MODELISTAS DO CINEMA

O cinema, pela sua expansão avassaladora, é um dos mais rápidos veículos propagadores da grande moda. Um novo modelo, lançado por qualquer das estrelas dos radiantes firmamentos de Hollywood ou Berlim (criação, quasi sempre dum costureiro parisiense) corre mundo, de lés a lés, nas asas velozes da foto animada. Nos

últimos tempos, então, nesta grande época da mais terrível voragem da moda, nesta grande época de Deus Luxo, os filmes de grande sucesso são quasi exclusivamente aqueles em que há grandes paradas de modelos, scenas em casa dos modistos célebres ou da requintada elegância dos salões. Quando uma estrela exhiba uma dúzia de *toilettes* raras e originais, dois pyjamas excêntricos e uma fortuna em plumas de avestruz, já se lhe acha dispensável o talento e até a formosura se a linha plástica valoriza o trabalho requintado do modisto. Por isso se não deve estranhar quando se encontra em qualquer das grandes companhias americanas (e são os americanos os que, tendo mais dollars, mais podem fazer em matéria de *toilettes*) um ou mais grandes artistas decoradores especializados nessa delicada decoração que é o figurino, a moda.

Alguns destes modelistas alcançam celeremente a glória, a fortuna e o prestígio. Entre eles, e talvez à cabeça da lista, estará o dinamarquês Max Réé, que tem imaginado e modelado para as «star» mais fulgurantes os mais belos trajes em todas as gamas da elegância, desde a simplicidade mais encantadora dos curtos vestidos de desporto até à magnificência dos roupões de gala, mantos reais e pelissas de nababo. Nesta página reproduzimos algumas criações do afamado artista, que Constança Talmadge exibiu nalguns dos seus últimos filmes, e o próprio desenhador, máscara

